



VOZ de ANTAS

AGOSTO 85
3.ª Série — Ano VII — N.º 89

Depósito Legal N.º 1886 84

PORTO PAGO
TAXA PAGA
4740 ESPOSENC

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

DIRECTOR e EDITOR
M. Brito Ferreira

ADMINISTRADOR
A. Faria

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção:
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87438 130 357

Fotocomposição e Offset:
Típ. Diário do Minho — BRAGA

Lançamento e bênção da primeira pedra para o Centro de Escutismo

● Centro paroquial renovado

Construir o futuro é apanágio daqueles que, de facto, vivem o momento presente com a intensidade do tempo que foge. No meio das polémicas, das incompreensões, dos mal-entendidos, as obras ficam como exemplo de abnegação e querer, vontade de caminhar na construção de um tempo diferente e melhor.

OCASIÃO SIMPLES, SOLENE, HISTÓRICA

No dia 28 de Julho último, S. Paio de Antas viveu momentos de festa. Fora esta a data escolhida para a inauguração das obras de restauro a que fora submetido o Centro Paroquial, tendo em vista dar-lhe nova aparência e maior funcionalidade. Fora, também, este dia escolhido para a bênção da 1.ª pedra do futuro Centro de Escutismo de S. Paio.

Presidiu às cerimónias o bispo auxiliar de Braga, D. Carlos Pinheiro. Tendo chegado a S. Paio por volta das 9,30 horas, D. Carlos foi recebido pelo pároco, P.e Brito, elementos da «Comissão Fabriqueira», Confraria do Santíssimo Sacramento e pelo povo.

Depois de ter assistido ao desfile dos escuteiros dos agrupamentos de S. Paio, Palmeira, S. Bartolomeu e da fanfara deste último grupo, D. Carlos dirigiu-se para o



Centro Paroquial. Aqui, no salão nobre, teve lugar uma breve sessão
Segue na 4.ª pág.

A CAUSA DO CENTRO PAROQUIAL É A CAUSA DA IGREJA E, POR ISSO, MERECE-NOS O MELHOR APOIO



O centro paroquial prolonga a Igreja...

Damos infindas graças a Deus por todo o trabalho realizado, pelos esforços feitos, pela dedicação verificada, pela generosidade de cada um, pelo sentido dos outros de tantos, pela fé de todos, pelo amor de todos e pela esperança — certeza de todos!

Os apoios vão, entretanto, surgindo em ritmo animador, embora modesto, dada a amplitude do empreendimento e olhando à grande caminhada a realizar até chegar ao fim...

Eis o que nos chegou nos meses de verão:

Maria Martins Pereira	100.000\$00
Loja da Candinha, Guilheta	69.201\$00
Em sufrágio de Manuel Alves de Azevedo e s/ pais	51.000\$00
Lucinda Lourenço Faria, Monte	25.000\$00
Amélia Azevedo Viana e Amândio, América	20.000\$00
Família de Manuel Martins Viana, Cima	20.000\$00
António Faria Viana, Monte	20.000\$00
Família David da Silva L. Pereira	15.000\$00

— Segue na pág. 7

O «LIVRO DOS USOS E COSTUMES» DE S. PAIO DE ANTAS

LER NA PÁG. 5

MOREIRA DAS NEVES E O NOSSO POETA CORRÊA D'OLIVEIRA

LER NA PÁG. 5

Por J. M. DA CRUZ PONTES

S. PAIO DE ANTAS NO TEMPO DO SARGAÇO

LER NA PÁG. 4

PINCELADAS SOBRE MORGADIO DA PORTELA

LER NA PÁG. 6



Este era o grupo de peregrinos da Terra Santa, há 3 anos e que agora, embora em bom número, decidiu peregrinar até Lourdes

A COMUNIDADE PAROQUIAL FOI A LURDES EM PEREGRINAÇÃO

Eram 13h30 de vinte e quatro de Agosto.

Chegavam as pessoas.

Uma «boa tarde», uma saudação apressada. Porém, chegou um autopullman que parou no recinto paroquial para entrarem os peregrinos.

Preparava-se, pois, uma peregrinação ao Santuário de Lourdes que se situa numa das muitas vertentes dos Altos Pirinéus. em França.

Era um grupo formado por cinquenta pessoas, todas elas entusiasmadas por irem conhecer um Centro Mariano de enorme dimensão.

Fizeram-se as despedidas: abraços e lágrimas.

Não faltaram flores para a Virgem de Lourdes e para a Bernadete.

Um tanto nervosos, a princípio, por encetarem tão longa viagem, depressa se familiarizaram e ape-

sar de alguns serem desconhecidos, ficaram cedo amigos.

Em Lourdes

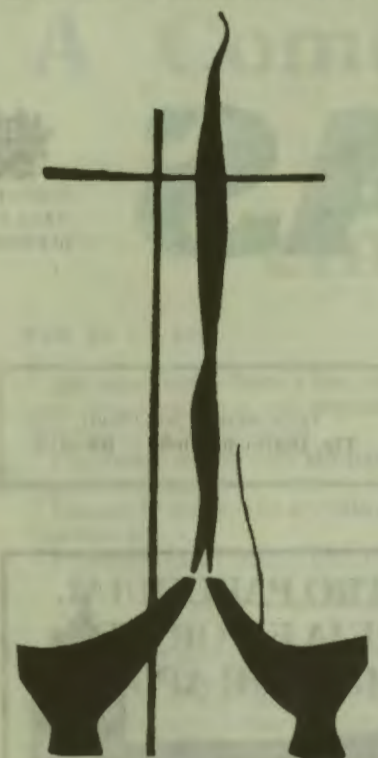
Eram precisamente 10,30 horas quando chegamos a Lourdes.

Entoamos o cântico

«Aqui vimos Mãe querida consagrar-te o nosso amor».

— Segue na 8.ª pág.

MATRIMÓNIO



Dois corações unidos pelo matrimónio, carregando ambos com a mesma cruz, elevando o seu sacrifício a Deus

Pelos laços do Matrimónio uniram seus destinos:

Bernardo Pires Viana, filho de Bernardo de Azevedo Viana e Rosa Pires, residentes no lugar da Pereira, com **Maria Isabel Viana Sampaio**, filha de Hilário Afonso Sampaio e Maria de Lurdes Gonçalves Pereira Viana, residentes no lugar de Azevedo, aos 20 de Abril de 1985.

Testemunharam o enlace matrimonial: Manuel José de Araújo Lopes, Lisboa, e Rosa da Cruz Azevedo Saleiro.

José Guilherme Pereira Alexandre, filho de António Júlio Alexandre e Alcina dos Santos Pereira, com **Maria Augusta Rodrigues Moreira**, filha de José Joaquim Durães Moreira e Brasilina Rodrigues largo do Monte, aos 20 de Abril/85
Foram padrinhos: Manuel Ferreira da Cruz e Maria Belmira Queirós Gonçalves Cruz.

António Caramalho Pires, filho de Manuel Pires e de Amélia Viana Caramalho, com **Rosa Maria Torres dos Santos**, filha de Manuel Alves dos Santos e de Maria Afonso Torres, do lugar de Guilheta, a 25 de Maio/85.

Padrinhos: Fernando Torres dos Santos e Maria Emília de Vilas Boas Dias.

João de Sousa Duarte, filho de Miguel Gomes Duarte e de Rosa de Sousa Enes, Creixomil (Barcelos), com **Maria Isabel Saleiro Sampaio**, filha de Amândio Afonso Sampaio e de Rosa da Cruz Azevedo Saleiro, a 8 de Junho/85.

Testemunharam o enlace matrimonial: Raul de Azevedo Saleiro e Inês da Paz de Freitas Mata Azevedo Saleiro.

Victor Manuel do Rego Lário, filho de Adelino, Martins Lário e de Celeste Rodrigues do Rego, Anha (Viana do Castelo) com **Amélia Caseiro Baeta**, filha de Manuel Barbosa Baeta e de Celina de Sousa Caseiro, a 22 de Junho/85.

Padrinhos: José Martins Correia e Maria da Glória Faria Fernandes Dias.

Joaquim da Torre e Sá, filho de Manuel Alves de Sá e de Maria da Luz Martins da Torre, Vila Chã (Espôsende), com **Maria de Fátima Cardante da Cunha**, filha de Manuel Alves da Cunha e de Maria Pereira Cardante, a 20 de Julho/85.

Padrinhos: Manuel da Torre Sá e Maria Júlia Cardante da Cunha.

Manuel Gonçalves Ferreira Ledo, filho de Manuel Ferreira Ledo e de Maria dos Anjos Gonçalves

Ferreira, Belinho, com **Maria Manuela de Sousa Sá**, filha de António de Sá e de Olivia Marques de Sousa, a 10 de Agosto/85.

Testemunharam: Manuel de Sousa Caseiro e Maria Cristiana Moreira Rolo Caseiro.

Abílio Jorge Marques Bedulho, filho de Armando Pires Bedulho e de Maria Adelaide Moreira Marques, Belinho, com **Maria de Lurdes da Costa Dias**, filha de Albino Santos Marinha Dias e de Maria Laranjeira da Costa, a 17 de Agosto/85.

Padrinhos: Anselmo Laranjeira da Costa e Maria da Cruz Laranjeira.

José Meira Alves Robalo, filho de António Alves Robalo e de Teresa Meira de Vilas Boas, Castelo do Neiva, lugar de Moldes, com **Deolinda Rosa Torres Caramalho**, filha de David Gonçalves Caramalho e de Cândida Maltez Torres, a 17 de Agosto/85.

Testemunharam o enlace matrimonial: Avelino Ribeiro Caseiro e Maria Manuela Torres Rolo.

Fernando Jorge Torres Laranjeira, filho de Manuel Gomes Laranjeira e de Inês Lima Torres, Forjães, com **Ana Paula Alves Laranjeira**, filha de José Gonçalves Laranjeira e de Maria do Sameiro Gonçalves Alves, a 31 de Agosto/85.

EM CASTELO DO NEIVA:

José Caramalho Pires, 24 anos, filho de Manuel Pires e de Amélia Viana Caramalho, com **Maria Celeste Meira da Costa**, 19 anos, filha de Manuel Dias da Costa e Maria Meira Enes, a 1 de Junho/85.

José Graciano Alves Pereira, 22 anos, filho de Manuel Lourenço Pereira e de Paulina Alves Moreira, com **Maria Arminda Rodrigues de Abreu**, 20 anos, filha de José Gomes de Abreu e de Maria Rodrigues da Torre.

António Florêncio Meira Pereira, 22 anos, filho de José Vicente Pereira e de Maria da Conceição Meira, com **Maria Isabel Gonçalves Vitorino**, 21 anos, filha de José Vitorino Alves Bandeira e de Maria Gonçalves Plácido, a 18 de Agosto/85.

EM LISBOA:

Manuel Neiva Viana, com **Gilda Maria Ribeiro Torres de Azevedo**.

EM S. ROMÃO NEIVA:

António Avelino da Cunha Neiva, 24 anos, filho de Basílio da Cruz Neiva e de Justina Viana da Cunha, com **Ana Maria Neves Faria**, 20 anos, filha de Adélio Lourenço de Faria e de Maria, a 3 de Agosto/85.

EM CHAFÉ:

Albino Ferreira Rodrigues, 28 anos, filho de Manuel António Rodrigues e de Beatriz Alves Ferreira com **Maria Catarina Ferreira Neiva**, 23 anos, filha de Joaquim Rodrigues Neiva e de Maria Alice de Sousa Ferreira, de Vila Fria, a 24 de Agosto/85.

EM BELLEVILLE — FRANÇA:

Domingos Maia Laranjeira, 28 anos, filho de Domingos Pires Laranjeira Júnior e Rosa Ferreira Maia, com **Maria da Conceição de Sá Correia**, 20 anos, filha de José Maria Vieira Correia e de Paulina Alves de Sá, a 3 de Agosto/85.

SANTA LUZIA:

David Fernando da Silva Faria, 29 anos, filho de Cassiano Alves de Faria e de Isaura da Silva, com **Alice Alvarães Laranjeira**, 21 anos, filha de Álvaro Meira Laranjeira e de Cândida Ferreira Alvarães, residentes no lugar de Belinho, celebrado o casamento em Belleville, em data oportuna.

Aos nossos casais auguramos um futuro alegre e sorridente.

NOVOS FILHOS DE DEUS

«A família é a primeira escola de virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade». (GE 3)

Ser cristão, desde o Baptismo, é ser chamado a realizar a vocação mais profunda do homem: filho de Deus, neste mundo e para a eternidade.

Helder Miguel Aguiar Neiva Poças, filho de Fernando Neiva da Silva Poças e de Deolinda de Sousa Aguiar Poças, residente em lugar de Valos, Paços de Brandão, Porto, a 28 de Abril 1985. Foram padrinhos: Manuel Dias Torres Neiva e Maria José Dias Torres Neiva.

Ana Carolina Torres Lima Capitão, filha de José Lima Capitão e de Maria de Lurdes Gonçalves de Meira Torres Capitão, residentes no L. de Belinho, a 28 de Abril/85. Foram padrinhos: Querubim Carneiro Areias e Rosa Maria Abreu Carqueijo Capitão.

Paula Daniela Torres da Lapa, filha de Manuel da Lapa e de Maria do Céu Vieira Torres, residentes no L. do Monte, a 12 de Maio/85. Foram padrinhos: António de Sá Vieira e Ana Paula Alves Laranjeira.

Lúcia da Cruz Pereira, filha de David da Silva Pereira e de Maria Paulina da Cruz Ferreira Pereira, residentes no lugar de Belinho, a 19 de Maio/85. Padrinhos: José Carlos Faria da Cruz Ferreira e Maria da Conceição da Silva Pereira.

Isabel Cristina Rodrigues Fernandes, filha de José Barbosa Fernandes e de Maria Fernanda Ferreira Rodrigues, residentes no L. de Cima, a 26 de Maio/85. Padrinhos: Rafael Faria Penedo e Maria Gorett Barbosa Fernandes.

Ana Marisa Rolo Salgueiro, filha de Manuel Fagundes Salgueiro e de Maria Alice Alves Rolo, residentes no L. de Cima, a 2 de Junho/85. Padrinhos: Victor Manuel Venda Lopes e Maria Augusta Laranjeira Afonso.

Tiago Alexandre Ribeiro Miranda, filho de Carlos Eduardo da Cruz Miranda e de Maria do Patrocínio Casal Ribeiro, residentes no lugar do Monte, a 9 de Junho/85. Padrinhos: Ramiro Casal Ribeiro e Maria Gomes Pereira Ribeiro.

Sara de Sá Martins, filha de Manuel Fernando Alvarães Martins e de Maria Lúcia Neiva e Sá, residentes no lugar de Guilheta, a 9 de Junho/85. Padrinhos: Serafim Alvarães Martins e Maria Ofélia Alvarães Martins.

Cátia Filipa Caramalho Moura, filha de Armando Dias Moura e de Maria Adelaide Lapeiro Caramalho, residentes em L. de Guilheta a 23 de Junho/85. Padrinhos: Adélio Lapeiro Caramalho e Maria Manuela Lapeiro Caramalho.

Anselmo Manuel Silva da Cruz, filho de Manuel José Faria da Cruz e de Maria da Conceição Fagundes da Silva, residentes no L. de Cima, a 23 de Junho/85. Padrinhos: Anselmo Faria da Cruz e Maria Elisabet Rolo de Azevedo.

Tânia Maria Abreu da Cunha, filha de António da Cunha Plácido e de Maria de Lurdes Abreu Meira da Silva Plácido, residentes no L. de Guilheta, a 21 de Julho/85. Padrinhos: Manuel Azevedo de Costa e Maria Emília da Piedade Brito.

João Luís Neiva Sampaio, filho de Manuel João Viana Sampaio e de Maria Leontina Neiva da Cruz, residentes no L. de Azevedo, a 21 de Julho/85. Foram padrinhos: José Albino Sampaio Faria e Maria Manuela Viana Sampaio.

Vânia Isabel Silveira da Anha Neiva, filha de Manuel da Cunha

Neiva e de Maria Raquel Silveira Trambulhão da Cunha Neiva, residentes na Rua das Hortenses, Lote 17, 2.º Esq., Montijo, a 28 de Julho/85. Foram padrinhos: António Avelino da Cunha Neiva e Maria João de Matos Saraiva Rosa Silveira.

Milene Denise Esteves Ferreira, filha de José de Brito Ferreira e de Maria do Céu Esteves, residentes na Praceta Pedro Nunes, n.º 10, 2.º Esq., Ermesinde, a 3 de Agosto/85. Foram padrinhos: José Adelino Esteves Gomes e Paula Cristina Dias Esteves.

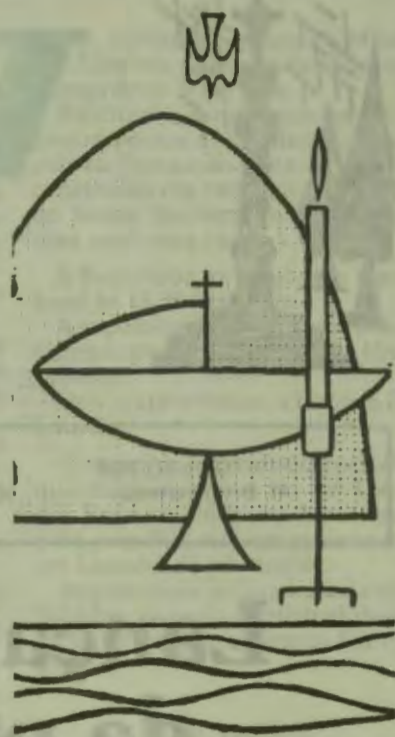
Filipe Novo Teixeira, filho de António de Sousa Teixeira e de Josefina Maria Eiras Novo, residentes no L. do Monte, a 15 de Agosto/85. Padrinhos: Manuel da Costa Azevedo e de Amélia da Costa Matos.

Cristina Maria Pereira Portela, filha de Manuel Veloso Portela e de Maria do Sameiro Meira Pereira Portela, residentes no L. de Guilheta, a 15 de Agosto/85. Foram padrinhos: Alberto da Silva Martins Furtado e de Maria de La Sallet Pereira de Brito Furtado.

Nuno Alexandre Alves Neiva Poças, filho de Mário Neiva da Silva Poças e de Maria Helena Viana da Cruz Alves Poças, residentes no L. do Monte, a 18 de Agosto/85. Padrinhos: Manuel Fernando Viana da Cruz Alves e Margarida Maria Viana da Cruz Alves.

Luís Miguel Rolo Viana, filho de Avelino Neiva Viana e de Maria Helena da Cruz Rolo Viana, residentes no L. de Azevedo, a 18 de Agosto/85. Foram padrinhos: Manuel Neiva Viana e Zilda Maria Ribeiro Torres de Azevedo.

Vincent Jorge Veloso, filho de Jorge Alberto do Vale Veloso e de Maria Augusta de Sá Caseiro, residentes no L. de Guilheta a 18 de Agosto/85. Foram padrinhos: Carlos Alberto do Vale Veloso e Carla Araújo do Vale Veloso.



Rui Jorge César da Cruz, filho de Leonardo Augusto Torres da Cruz e de Adelina Rosa César Landeón, residentes em Campo Grande, Lisboa, a 25 de Agosto/85. Foram padrinhos: Manuel Sampaio Rodrigues e Maria Fernanda Cunha de Abreu Rodrigues.

Lucie Laure Gauchain Laranjeira, filha de Alexandre Manuel Azevedo Laranjeira e de Patrícia Renée Gauchain, residentes no L. da Estrada, a 27 de Agosto/85. Foram padrinhos: Morice Cristian e Rosa Maria Azevedo Laranjeira.

EM FRANÇA: Celina Portas Fonseca, filha de Fernando Costa Fonseca e Maria Lúcia Narciso, a 16 de Junho na igreja de Pizaux. Foram padrinhos: Sérgio Azevedo e Maria Irene Costa Portas.

NA ARGENTINA: Carolina Cecilia da Costa Rolo, filha de Artur da Costa Rolo e de Helena da Lague. Nasceu a 6 de Abril/85, na Argentina, Bs. As.

Gêmeos: Gonçalo André e Gustavo Gabriel da Costa Rolo, filhos de Alberto da Costa Rolo e de Nilda Aurora Ulriste. Nasceram a 19 de Junho/85, na Argentina, Bs. As.

Felicidades aos bebés, parabéns aos papás!

NOTÍCIAS

ILUMINAÇÃO DO CAMPO DE FUTEBOL

No dia 10 de Agosto do corrente foi inaugurada, oficialmente, a iluminação do campo de futebol de S. Paio de Antas. Foi uma noite de festa, animada pela actuação da banda dos Bombeiros Voluntários de Espôsende, por um desafio de futebol entre o Antas F. C. e o Espôsende (resultado: 0-4) e um conjunto de música ligeira, o Furi-porm.

O único senão foram as falhas técnicas que motivaram a ausência de iluminação por duas vezes, com a consequente interrupção do desafio de futebol. Este acabaria por não ter a duração regulamentar.

Com este melhoramento, o Antas F. C. fica melhor apetrechado para poder cumprir os fins que se propõe: fomentar o desporto na freguesia.

LOJA DA CANDINHA RENOVADA

O conhecido estabelecimento comercial de Gonçalo Maria Loureiro Bacelar, a «Loja da Candinha», so-

freu, nos últimos tempos, profundas remodelações. Estas contribuíram para uma maior funcionalidade do referido estabelecimento. Parabéns aos proprietários.

NOVO CAFÉ

Foi inaugurado, no lugar de Guilheta, um novo café que incluiu um Mini-Mercado. O proprietário é o nosso conterrâneo Manuel Joaquim Pires de Azevedo Laranjeira. Ganha o lugar de Guilheta um novo e agradável local de convívio.

«Voz de Antas» deseja ao proprietário felicidades na sua nova actividade.

pague hoje a sua assinatura

FRENTE SOLIDÁRIA

Adão Gonçalves Pereira Ramos — Vila Mou	300\$00
Amândio Meira — Trofa	500\$00
Anónimo	5.000\$00
Maria Isabel Azevedo Torres — Belinho	300\$00
David Fernando da Silva Faria — Austrália	500\$00
Isaura da Silva — Belinho	300\$00
Manuel Augusto Viana Martins Meira — Belinho	250\$00
Família do P. Apolinário — Lanheses	1.000\$00
Manuel Nelson Ferreira Caselro — Guilheta	300\$00
Manuel Meira Pires Laranjeira — França	500\$00
Lúcia Meira Crespo — Guilheta	500\$00
David Ferreira da Silva — Belinho	500\$00
Manuel Portela — Porto	250\$00
Fernando Jaques Vieira — Monte	300\$00
José Gonçalves Merrelho — Porto	1.000\$00
Arminda da Silva Gonçalves — Barcelos	300\$00
Carlos Gonçalves da Silva — Lisboa	250\$00
Clara Alves da Cruz Viana — Monte	300\$00
Olívia Viana da Cruz — Leça da Palmeira	500\$00
Da Cruz Manuel — França	1.000\$00
Emília de Barros Chasco — Barcelos	1.000\$00
Anónimo	200\$00
José Meira da Cruz — Azevedo	500\$00
Albino Rodrigues Laranjeira — Monte	250\$00
Olívia Rodrigues Sampalo — Monte	500\$00
Manuel Martins Ledo — Belinho (Cidral)	1.000\$00
Manuel Viana Caramalho — Guilheta	300\$00
Manuel Lourenço de Faria — Alemanha	1.500\$00
Cândido Alves Pereira — Belinho	300\$00
Arminda Rodrigues Sampalo — Cima	500\$00
Domingos Martins Ledo — Lisboa	500\$00
Benardo Pires Viana — Algarve	1.000\$00
Joaquina Mário Rodrigues de Miranda — França	1.000\$00
António Alves de Azevedo — Belinho	300\$00
Laurentino Meira do Vale — Azevedo	500\$00
Manuel Afonso Vaz Saleiro — Alvarães	500\$00
Manuel Augusto Viana Meira Torres — Belinho	500\$00
Manuel Coutinho Rodrigues Bedulho — França	600\$00
Lúcia da Costa Cardante — França	500\$00
Álvaro Laranjeira — França	1.000\$00
Lúcia Amorim — Canadá	500\$00
Manuel Laranjeira da Cruz — França	1.000\$00
Fernando Joaquim Martins Ferreira — França	500\$00
António Magalhães Ferreira — Belinho	500\$00
João da Silva Meira — Brasil	2.000\$00
Manuel Velloso Portela — França	400\$00
Manuel Fernandes Pereira de Carvalho — Lisboa	500\$00
Domingos Dias Vitorino — França	500\$00
Alfredo Alves Moreira — Guilheta	300\$00
Amélia da Cruz Sá — Bélgica	1.000\$00
Maria Lima Viana — França	1.000\$00
Maria Torres Lima — Azevedo	500\$00
Alexandre Pires Laranjeira — França	1.000\$00
José Pires Alves Rolo — França	1.000\$00
Maria Rodrigues Meira — Azevedo	300\$00
Manuel Alves da Cruz Lajoto — Azevedo	300\$00
Ermelinda Vieira Torres —	300\$00
Pereira Nuno — França	500\$00
Palmira da Cruz Torre — França	300\$00
Maria Jesus da Almeida Torres — Azevedo	300\$00
Maria Alves Rolo — Azevedo	300\$00
Domingos de Azevedo Saleiro — Porto	300\$00
Manuel Alves da Cruz Lindinho — Monte	300\$00
José Alves da Cruz — Belinho	250\$00
José Vieira da Costa Portas — França	1.000\$00
José Sá da Silva — França	700\$00
Domingos Viana da Cunha — França	600\$00
Michel Bertrand — França	500\$00
Maria Carolina Pereira da Cunha — Almada	300\$00
Ramiro da Silva Arezes — França	1.000\$00
Albertino Pereira — França	500\$00
Maria de Lurdes Barros Pereira — França	500\$00
Maria Adelaide Barros Pires — França	500\$00

FIZERAM A PRIMEIRA COMUNHÃO

Nuno Alexandre Carvalho dos Santos; João Manuel da Cruz Viana; Rui Manuel Rolo Ribeiro; Rui Miguel Torres Morgado; Armando Manuel da Costa Azevedo Viana; Jorge Pereira da Silva; Bruno Miguel Saleiro Torres; Nuno Paulo Pereira Ferreira; Rui Manuel da Cruz Miranda; Nuno Alexandre da Cunha de Abreu; Roberto Carlos da Costa Correia Vieira; Sérgio Neiva da Cruz; Sérgio Filipe da Cruz Torres Neiva; João Pedro Carvalho de Sousa; Alfredo de Jesus Teixeira; Paulo Filipe Faria de Barros; Davide do Vale; Filipe Eiros Cardoso; Filipe Faria Gomes; Luis Fernando da Cruz Ferreira; Mi-

guel Novo Teixeira; José João Viana dos Santos; Luís Miguel Viana dos Santos; Maria Helena Neiva de Sá; Otilia Maria Torres da Lapa; Sandra Manuela Araújo Caramalho; Joana Sofia Lima de Matos; Adelaide Pires Laranjeira; Ana Isabel Viana Faria; Sandra Manuela Neiva Gonçalves; Cidália Maria Santos da Silva; Fernanda Manuela Santos Saleiro; Júlia Miranda Moreira; Estefânia Miranda Moreira; Ana Paula Laranjeira Alves; Ermelinda Pereira Neiva de Sá; Marcia Roberta Costa Meira de Barros; Silvia do Vale; Maria Isabel Torres; Benardete de Jesus Alves Torres; Sara Isabel Pires de Sá; Paulo Ra-

fael Sá; Jorge Vitorino Laranjeira; Rui André da Cunha; Rafael de Carvalita Sá; Mixael Carvalho Sá; Sara Carla Gonçalves; Alberto José Portela; Paulo Jorge Meira Torres; Orlando Gregório Almeida; Marco Paulo Candante; Manuela Portela; Maria Manuela Vieira; Manuel de Sá Portela; Paulo Jorge Pereira Martins; Maria Augusta da Torre Dias.

Na Festa do Corpo de Deus (em Junho): Maria do Rosário Corrêa d'Oliveira.

Na Festa de Santa Tecla (1 de Setembro): Paulo Jorge Dias Araújo; Cândida Dias Araújo.

COMUNHÃO SOLENE DE PROFISSÃO DE FÉ

Em 15 de Agosto, festa de Nossa Senhora da Assunção, adolescentes exultantes de alegria, foram unânimes:

«Optamos por Cristo. Hoje e sempre. Fazemos a nossa Profissão de Fé. Sabemos a Doutrina Cristã e estamos resolvidos a viver como soldados de Cristo. Prometemos cumprir, durante toda a nossa vida, os Mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja, e receber, sempre que nos seja possível, os Sacramentos. Descobrimos a alegria da graça do nosso Baptismo. Juramos seguir a Cristo».

Maria de Lurdes Cepa Lopes; Abel de Jesus Costa; Filomena Maria da Costa Azevedo Viana; Maria de Jesus Correia Vieira; Natália Maria Martins Sá; Margarida Maria Martins de Sá; Manuel Rolo de Azevedo; Carla Maria Laranjeira Barros; Miguel Rodrigues da Cruz; Victor Manuel da Silva Vieira; Maria Arlete Laranjeira Saleiro; Maria Gorette dos Santos Saleiro; Maria Lucília Azevedo da Cruz; Marcelo Alexandre da Cruz Azevedo; Maria de Fátima Rodrigues de Sá; Célia Margarida Penteadinho Dias da Costa; Anabela de Jesus Teixeira; Elias Portela Martins Meira.

Emigrantes: — Helder Martins Araújo; Sérgio Sampaio Araújo; Natália Moreira de Miranda; Eli-seu Moreira de Miranda; Rui Manuel do Vale de Barros; Rui Manuel Vitorino Laranjeira; Amadeu de Sá Portela; José Manuel Vieira Gomes; Carlos Alberto Vieira Gomes; Manuel Cândido Ferreira Go-

mes; Mónica da Cunha Pereira Portela; José Agostinho Laranjeira de Sousa; Lúcia da Cunha Pereira Portela; Elisabete Maria Faria Gomes; David Cardante.

Um grupo de filhos desta terra que vivem em França também quiseram fazer na sua terra natal a sua profissão de fé. É uma alegria que os vemos fazer a sua comunhão solene e a maioria vinha bem preparada e traziam dos párcos próprios o certificado de terem frequentado a catequese.

Ana Maria Meira Ferreira; Maria Amélia Cardante Meira; Vitor Ma-

nuel Salgueiro Ferreira; Avelino Fernandes Torre; Vitor Manuel Gonçalves Vitorino; Belmira Maria Laranjeira Alves; Dinis Filipe Silva e Costa; Maria Gracinda Laranjeira Pereira; José Vitor Pacheco Cardante; Jorge Manuel da Cruz Torres Neiva; Fernanda Sousa de Sá; Natália Sousa de Sá; Marta Maria Laranjeira Vieira; Filipe Manuel da Cruz Pereira; Maria Manuela Rolo da Costa; Alice Maria Cardante Morgado; Cândida Maria Barros de Azevedo; Natália Laranjeira da Costa; Sílvia Maria da Cruz Viana Lajoto; José Carlos Pereira de Sá; Daniel Raimundo dos Santos e Silva; Ana Maria Faria Gomes; Amândio Crespo e Silva; Rui Manuel da Silva Vieira; Sérgio da Costa Viana.

GRUPO CORAL

O Grupo Coral para desfazer equívocos e mal-entendidos, evitando críticas e incompreensões, reuniu e unanimamente chegou às seguintes conclusões:

- SERVIÇOS PAROQUIAIS**
Para os serviços paroquiais não haverá condições especiais a propor.
- FUNERAIS:**
O Grupo participará, se se observarem as condições seguintes:
- 1.º Se for convidado.
 - 2.º Se houver a possibilidade de estarem presentes pelo menos

15 elementos julgados indispensáveis — o que só é possível, se for a horas convenientes.

3.º Se as pessoas encarregadas da organização do funeral, assumirem a responsabilidade de avisar os vários elementos do grupo.

CASAMENTOS

O Grupo só participará com a presença do organista e em horas a combinar entre ele e o pároco.

REMUNERAÇÕES

Para os serviços particulares, haverá uma taxa estabelecida que será uniforme para todos.

O dia 15 de Agosto de 1985 foi tempo de festa para toda a comunidade paroquial de Belinho, Esposende. Fora este o dia escolhido para a celebração da Missa Nova do P.e Cândido Azevedo de Sá. Ordenado sacerdote no dia 28 de Julho, o P.e Cândido iria fazer, assim, a sua apresentação oficial, como sacerdote, à paróquia que o viu nascer.

Um acontecimento deste tipo exige uma preparação cuidada, para que possa dar frutos, especialmente a nível espiritual. Por isso, o P.e Leal, pároco de Belinho, se empenhara, ao longo das últimas semanas, na sensibilização da comunidade paroquial para a vivência da Missa Nova. No entanto, havia trabalhos que não poderiam ser feitos senão no dia anterior, melhor dizendo, na noite anterior à Festa. Dai que alguns dos mais dedicados colaboradores do P.e Leal e dos amigos do P.e Cândido não tenham, quase, dormido nessa noite.

SERVIÇO E ORAÇÃO

As cerimónias às 10 horas, quando o P.e Cândido, acompanhado dos pais, amigos e confrades, se dirigiu da sua residência para a Igreja Paroquial. Aqui teve lugar

P.e Cândido reflecte na missão do sacerdote

uma concelebração eucarística, presidida pelo P.e Cândido.

Durante a homilia, o P.e Cândido referiu vários aspectos daquilo que ele considera ser a missão do sacerdote: serviço, disponibilidade, oração. O sacerdote é — deve ser — o homem da intimidade com Deus, aquele que faz do diálogo com Deus o fim da sua vida. O sacerdote deve ser, também, o homem do serviço aos irmãos. Nele tudo deve ser disponibilidade para os outros. O seu coração deve ter uma dimensão universal, capaz de acolher todos os homens.

Confrontado com esta missão, segundo o P.e Cândido, o sacerdote tem um exemplo a seguir: Maria. Esta, pela disponibilidade e pelo serviço, foi a Serva dos homens, dedicada e atenta às necessidades daqueles que a rodeavam; pela oração e pela obediência foi a Serva de Deus, capaz de acolher a missão que Ele lhe quis confiar.

Ao terminar a sua homilia, o P.e Cândido não pôde deixar de lembrar que é dever de todos rezar pelos sacerdotes. A oração é o melhor meio de os ajudar a vencer as dificuldades.



Numa Eucaristia que foi Festa, o grupo coral da paróquia foi o «pivot» da participação de todos os fiéis, através do canto, expressão da alegria que enchia a alma.

Terminada a Eucaristia seguiu-se a tradicional cerimónia do «beija mão»: os fiéis foram convidados a beijar as mãos do novo sacerdote, unidas com os Santos óleos no dia da Ordenação sacerdotal.

ALEGRIA E CHAMAMENTO

A tarde foi preenchida com um almoço-confraternização entre um

grande número de amigos do P.e Cândido. Como não poderia deixar de ser, a «Câmara baixa» — constituída por seminaristas e sacerdotes, companheiros do P.e Cândido — foi, com alegria das suas canções e brincadeiras, a grande animadora da tarde.

No período determinado aos brindes, são de salientar as palavras do P.e Jorge Ortiga, Vigário diocesano do Clero. Depois de ter realçado a importância da Missa Nova, não pôde deixar de fazer dois apelos: o primeiro, à comunidade paroquial de Belinho para que no seu seio possam surgir novas vocações; o segundo, aos jovens para que não sintam medo de escutar o chamamento de Cristo e de Lhe entregarem as suas vidas. Vale a pena, mesmo nos finais do séc. XX.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o P.e Leal salientou, nas suas palavras, que vale a pena, é belo ser sacerdote. E, mais do que isso, é belo e vale a pena ser pároco. O trabalho paroquial, embora duro, é gratificante e um magnífico caminho de realização pessoal.

Porque os trabalhos pastorais lhe impediram uma presença mais

atempada, D. Joaquim Gonçalves, bispo auxiliar de Braga, apenas pôde estar presente na parte final da festa. Com a sua presença, D. Joaquim pretendeu manifestar a sua união de sentimento à comunidade paroquial de Belinho, ao P.e Cândido e à sua família. Nas palavras que dirigiu aos presentes procurou lembrar-lhes que a alegria da Missa Nova não pode ser um fim. O sacerdote precisa da compreensão de todos não apenas nos momentos de alegria mas, especialmente, nos momentos de dificuldade.

Foi, então, a altura de o P.e Cândido agradecer a todos aqueles que haviam colaborado e trabalhado abnegadamente para que a festa fosse mais bela. Dirigiu, também, uma palavra de ânimo a todos aqueles que, tendo sido seus companheiros na vida de Seminário, ainda caminham para a meta: o sacerdote. Concluiu, dizendo, com o poeta: «tudo vale a pena quando a alma não é pequena».

Depois, foi a despedida. Ficou o desejo de que aconteçam mais missas novas, sinal de que o clero diocesano — e toda a Igreja — se vai renovando, adquirindo sangue e vitalidade novos.

Lançamento e bênção da primeira pedra para o Centro de Escutismo

Vem da 1.ª pág. —

solene, com a presença de elevado número de paroquianos.

Depois da actuação do grupo coral de S. Paio, o Pe. Brito apresentou a D. Carlos as saudações de toda a comunidade paroquial e fez questão de referir que, na pessoa de D. Carlos, toda a comunidade paroquial se sentia unida ao Sumo Pontífice, João Paulo II. Afirmou depois que a cerimónia a realizar, embora simples, era uma ocasião solene e histórica. Apresentou, também, uma palavra de saudação a todos os escuteiros do núcleo de Esposende que se quiseram associar aos momentos de júbilo vividos pelo agrupamento de S. Paio, com o lançamento da 1.ª pedra do Centro de Escutismo.

Ao Pe. António Sá competia recordar os tempos difíceis que assistiram ao nascer do Centro Paroquial. Ninguém mais indicado do que ele para o fazer. Segundo as suas palavras, foi ele a primeira pessoa a quem o sonhador Pe. Apolinário, o pároco que «inventou» o Centro Paroquial, confidenciou os seus desejos e esperanças.

NASCE O CENTRO PAROQUIAL...

Foi em 1959 que o Pe. António deu a conhecer ao povo de S. Paio, a pedido do Pe. Apolinário, o desejo do pároco em construir um Centro Paroquial. A este desejo correspondeu a pronta e entusiasmada colaboração popular e as obras arrancaram.

Os problemas surgidos no decurso das mesmas foram muitos, mas o querer de todos foi maior.

Depois de recordar o passado, o Pe. António voltou-se para o presente e, referindo-se aos melhoramentos efectuados, afirmou que

eles estão à vista de todos e «ninguém pode deixar de admirar o que é belo». Referindo-se ao dinamizador de todas estas obras, o Pe. Brito, afirmou: «Nem todos o compreenderão, mas ninguém poderá duvidar do seu objectivo de «mais e melhor» para S. Paio».

Construir não basta, é necessário dar continuidade e utilidade à obra começada. Foi esta a tarefa dos párocos sucessores do Pe. Apolinário. Primeiro o Pe. Avelino Alves que se empenhou na conclusão do edifício, tornando-o funcional. Depois o Pe. Manuel Vilas-Boas que, confrontado com os tempos difíceis do pós-25 de Abril de 1974, soube manter o Centro Paroquial dentro dos fins para que fora concebido. Estes tempos e factos foram recordados pelo sr. Manuel Viana.

...E NASCE O CENTRO DE ESCUTISMO

Era tempo de lançar os olhos para o futuro. As palavras do chefe do agrupamento escutista de S. Paio abriram novas perspectivas. Falou no futuro e no Centro de Escutismo de S. Paio. Referiu a necessidade de tal Centro, dada a inexistência de condições de trabalho no Centro Paroquial. Recordou as dificuldades surgidas na execução de tal projecto, da parte da Câmara Municipal de Esposende, e concluiu afirmando: «Resta-nos executar mais este sonho — apostar na juventude e investir no futuro...»

CENTRO PAROQUIAL CENTRO DE FORMAÇÃO

Encerrando a sessão solene falou D. Carlos Pinheiro. Começou por agradecer a recepção e afir-

mou que a festa era de todo o povo de S. Paio.

Em todas as suas palavras esteve presente um pensamento aglutinador: a Igreja necessita de cristãos empenhados, esclarecidos, disponíveis para a vida da comunidade. Dentro desta perspectiva considerou de vital importância a existência do Centro Paroquial. Este é o complemento necessário para a formação da comunidade. Nele, se podem desenvolver as actividades necessárias para a formação integral do cristão que nele se encontra um espaço dimensionado para o encontro com os outros.

Por tudo isto, um edifício como o Centro Paroquial, nas palavras de D. Carlos, não pode ficar morto, vazio, inactivo. Deve ser um centro de vida onde a paróquia manifesta todas as suas virtualidades. E, neste aspecto, não é apenas o pároco que deve estar empenhado. Este deve existir da parte de todos os cristãos.

Terminava a sessão solene e começava o momento alto das comemorações: a celebração eucarística. Nela se pretendia exprimir o louvor de toda a comunidade ao Deus e Pai de todos os benefícios. Desta acção de graças foi expressão sentida o «Te Deum», entoado pelo grupo coral nos momentos finais da Eucaristia.

Durante a Homilia, D. Carlos aludiu à importância da presença do bispo diocesano no meio do seu povo. A comunhão bispo-fiéis não se concretiza senão no conhecimento mútuo e este exige que o bispo se encontre com os fiéis, participando das suas vidas, afirmou D. Carlos.

Congratulado-se com a presença de vários sacerdotes oriundos da nossa paróquia, D. Carlos afirmou que eles são sinal de uma

Te Deum Laudamus!



A Ti, Senhor, no fim da nossa obra, elevamos o espírito e erguemos a voz;

A Ti, Divino Semeador, que depuseste na nossa alma a ideia fecunda que hoje amadurece, confessamos neste dia a nossa gratidão;

A Ti, Divino Arquitecto, que elevaste pedra a pedra o edifício da nossa generosidade, atribuímos, nesta hora, o triunfo que nos alegra;

A Ti, misterioso Artífice de toda a beleza e grandiosidade, louvamos e bendizemos na grandeza e formosura da «Casa» que Te damos;

A Ti, Senhor Nosso e Nosso Deus, ela engrandeça e glorifique e exalte para sempre!

comunidade viva, capaz de, no seu interior, gerar pessoas disponíveis para o serviço do Reino de Deus.

A concluir a sua Homilia, D. Carlos voltou a um aspecto por ele referido na sessão solene: a necessidade de todos participarem na vida paroquial e de toda a Igreja. Não ser apenas o pároco a trabalhar. O cristianismo não pode ser uma teoria. É necessário que todos os cristãos assumam o seu cristianismo. Ser cristão não se reduz à participação na eucaristia dominical e a recepção dos outros sacramentos. Implica, também, uma presença alegre e empenhada na vida de todos os dias junto dos outros homens.

A concluir, D. Carlos não pôde deixar de se referir ao jovem e,

especialmente, aos escuteiros. Benzer a 1.ª pedra do Centro de Escutismo não pode ficar, apenas, num gesto simbólico. Deve traduzir-se num crescer contínuo.

UM PASSO PARA O FUTURO

Finda a Eucaristia, procedeu-se à bênção da 1.ª pedra do Centro de Escutismo. A presença da chuva, neste dia de verão que, embora não tivesse sido convidada, não quis deixar de comparecer, dificultou a cerimónia, embora não tenha impedido a sua realização.

Concluía-se, assim, uma manhã de festa que ficará na História de S. Paio: mais um momento marcante na caminhada do futuro.

Elias Couto

S. PAIO DE ANTAS NO TEMPO DO SARGAÇO

É muito antiga no litoral do norte do país a apanha do sargaço ou «argaço» como se dizia antigamente e como o povo ainda hoje diz. Já nas Inquirições de D. Afonso III (1285), a ela se faz referência, quando se diz que o Arcebispo de Braga D. João Egas (1245-1255) proibiu aos lavradores de Fonte Boa (naquele tempo Fonte Má), de passarem pelo seu couto da Apúlia, quando iam para o mar recolher o sargaço para adubar as terras do Rei. «Item, disse que os homens do Senhor Rei, de Fonte Má, iam pelo couto de Pulia, ao argaço do mar, para estrumar as herdades foreiras do Senhor Rei, e o Arcebispo de Braga Senhor João Egee proibiu-lhes aquele percurso em prejuízo do Senhor Rei».

Deste texto se conclui que, já pelo menos no século XIII, era costume nas freguesias costeiras do concelho de Esposende irem os lavradores apanharem o sargaço para adubar as suas terras.

Documentação sobre esta actividade têm-na abundante a partir do século XVI, sobretudo nos Livros das Visitações das freguesias ribeirinhas do Norte, nomeadamente da costa entre a Póvoa e Esposende. A apanha do sargaço aparece como trabalho servil e portanto proibido pela igreja nos domingos e dias santificados. Em Nabais, por exemplo já em 1598 se proibia aos «fregueses de irem ao argaço nos domingos e santos dias». Porque nem todos assim o entendiam, foi preciso criar os «olheiros», ou seja uma espécie de guardas da costa para verem quem ia apanhar o sargaço nos dias de preceito e fazer-se um rol para registar os transgressores, que deviam pa-

gar uma multa.

Mas a verdade é que o aparecimento do sargaço era bastante fortuito e, se não se apanhava quando ele aparecia, corria-se o risco de o perder. E o problema era importante para as terras da beira-mar que em geral têm pouco mato para fazer estrume. Daí que em 1656, o visitador de Nabais permitisse a apanha do sargaço em dias de preceito, mas com as seguintes condições: — que se fizesse depois de cumprir o preceito da missa dominical e que se evitassem os riscos de imoralidade ou seja: que se fizesse de sol a sol.

Que o perigo de imoralidade não era de todo utópico, di-lo um capítulo de 1703 em que se prescreve uma multa de 300 reis às moças solteiras que fossem à apanha do sargaço de noite, sem ser em companhia de seus pais «por causa dos muitos pecados e ofensas a Deus que disso resultava».

A permissão concedida para os domingos impunha, porém, uma espécie de multa de 200 reis que reverteriam a favor da igreja ou confrarias e que nessas terras da beira-mar se tornaria uma das principais fontes de receita da fábrica da freguesia.

Esta lei viria a estender-se a todas as freguesias interessadas da diocese, por provisão do Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles de 14 de Março de 1725. Esta

provisão estabelecia, entre outras coisas:

— que nos dias santificados se podia apanhar sargaço, com a condição de se ouvir missa antes e que se pagassem 200 reis para a igreja e confraria do Senhor.

— que se nomeassem «olheiros» para tomar nota dos que iam ao sargaço.

— que por dia santificado se entendia o espaço que ia desde a meia noite da véspera até à meia noite do próprio dia.

No Livro das Visitações de S. Paio de Antas não há capítulos que digam respeito à apanha do sargaço, o que prova que esta faina não constituía problema pastoral de maior. Temos, no entanto, um interessante documento, de 2 de Novembro de 1844, que nos informa que a actividade do sargaço se praticava há muito tempo em S. Paio, como de resto nas freguesias vizinhas, nomeadamente Belinho, S. Bartolomeu e Marinhãs.

Este documento é um pedido do vigário da freguesia P. Manuel José de Azevedo, dirigido ao Arcebispo de Braga, para em S. Paio se poder ir ao sargaço nos dias santificados, coisa que por costume já se fazia «de longos anos». Ao pedido junta-se o parecer favorável do Arcipreste e a concessão da licença

pelo Arcebispo D. Pedro Paulo Figueiredo da Cunha Melo. Assim reza o pedido:

«Diz o Presbítero Manuel José de Azevedo, vigário da freguesia e igreja de S. Paio de Antas, deste Arcebispado, que confinando a sua freguesia com o mar, os moradores dela nos dias de Preceito quando vêm os argaços vão tirá-los para adubo de suas terras e fazendas por causa dos poucos matos que há nesta freguesia. Estes argaços trazem-nos as águas e de um instante para outro tornam a levá-los e por isso estes moradores vão nos dias proibidos a que eles chamam Maradas e para socego de suas consciências e mesmo para não causar escândalo aos mais fregueses que se não ocupam nestes serviços, suplico a S. Ex.ª Il.ª Digne-se conceder licença para que os suplicantes moradores possam continuar no dito serviço na forma que o antecessor de S. Ex.ª tem dignado conceder para outras freguesias — Marinhãs, S. Bartolomeu e Belinho, ficando somente exceptuadas as quatro festas do ano. Pede a S. Ex.ª Rev.ª se digno fazer-lhe a dita graça e receber mercê».

Antes de conceder a permissão, o prelado pediu o parecer do Arcipreste, que foi o seguinte:

«Firmado se acha com a sanção de longos anos, o costume de nos dias santificados, os povos da fre-

guesia de que trata o requerimento e de outras a quem o mar serve de paliçada, tirarem o argaço, e em verdade é tolerado tal costume, porque não havendo matos, é o argaço o adubo daquelas terras e é tão incerta a sua aparição à praia, quanto é incerta a serenidade do mar; por isso não podem eles deixar de aproveitar a ocasião; razão porque julgo se deve conceder a pedida graça, ficando o R. Pároco incumbido de vigiar que isto se faça sem mistura de divertimentos que pareçam orgias e que se tornem por isso escandalosos tais trabalhos. Deus guarde a V. Ex.ª. Barcelos 24 de Novembro de 1844. O arcipreste António de Lima Miranda».

A licença veio concedida a 26 de Novembro de 1844.

Assim, destes documentos, apuramos os seguintes elementos:

— Os moradores da freguesia de S. Paio de Antas costumavam ir ao sargaço há «longos anos», mesmo nos dias de preceito, pois havia poucos matos na freguesia e eles tinham necessidade de estrume para adubar as terras.

— Este costume era tolerado, tendo em conta a incerteza tanto da aparição do sargaço como o da calma do mar, motivo porque se era obrigado a aproveitar a ocasião.

— A licença de apanhar o sargaço nos dias de preceito tinha já sido concedida a outras freguesias vizinhas, como Belinho, S. Bartolomeu e Marinhãs.

— A licença era concedida, contudo que se salvaguardasse a moralidade dos costumes, devendo o pároco vigiar nesse sentido.

P. DR. ADÉLIO

Entre os livros que deviam figurar no Cartório Paroquial dos séculos XVII e XVIII, devia constar um, onde se assinalassem os usos e costumes da freguesia sobre os bens da alma e os direitos paroquiais.

Assim o determinou, entre outros, o Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles, na sua pastoral de 20 de Novembro de 1706.

Em algumas paróquias, por exemplo Marinhãs, este livro ainda existe. Em S. Paio sabemos que esse livro também existiu. A 5 de Agosto de 1715, o visitador da Paróquia Dr. Francisco de Araújo e Carvalho ordenava ao pároco de remeter ao Provisor do Arcebisado «todos os livros findos que tiver assinados, assentos dos casados e dos baptizados e defuntos, como também os Livros dos Usos e Costumes da freguesia que se fez por ordem da Pastoral do mesmo Senhor».

Confirmação da existência deste livro têm-na na visita de 25 de Junho de 1780, onde o visitador para desfazer umas dúvidas dos fregueses sobre os direitos paroquiais, averiguou ele mesmo «pelo Livro dos Usos desta mesma (freguesia) se deles constava esta obrigação, para o que revi... e se achava o dito livro assinado por um grande número de fregueses».

No Arquivo Paroquial de Antas, há, de facto, uma cópia das folhas 1, 2, 3 e 4 desse livro, que, segundo aí se diz, tinha 166 meias folhas e fora começado em 1981, sendo vigário o P. Simão Miranda de Carneiro. Estas três primeiras folhas do livro são um apanhado dos usos por que se regulava a Confraria do Subsino, a que a assinatura de 39 fregueses conferia foros de legalidade.

O mesmo fragmento reproduz ainda uma outra série de usos paroquiais que constavam nas folhas 60 e 61 do livro desaparecido e que remontavam a 5 de Agosto de 1715, quando era vigário da freguesia o P. José do Rego; confirma a legitimidade destes usos a assinatura de 37 fregueses.

O «LIVRO DOS USOS E COSTUMES» DE S. PAIO DE ANTAS

Depois da morte do P. José Felgueiras (1842), foi encontrado na sua residência, um outro documento trasladado do Livro dos Usos e Costumes, onde ele dizia que tinha achado este documento na casa do pároco P. Caetano Ferreira de Faria, falecida a 18 de Março de 1782. Este segundo documento é de interesse secundário, pois mais não faz que seleccionar e resumir usos que nos documentos anteriores vêm separados.

Daqui se infere, portanto, que o Livro dos Usos e Costumes era um livro que se ia fazendo e onde se iam anotando, devidamente actualizados, os costumes em vigor. Eis o texto actualizado, da cópia das páginas 60 e 61 do desaparecido livro e que remontam ao ano de 1715. São, dos dados que possuímos, os que mais interessam para o tema deste artigo.

«1. Paga o freguês, sendo casado, meio alqueire de milho pelo S. Miguel, os viuvos e solteiros, o quarto. Isto se chama Capela, porque se dizem as missas das Segundas-feiras.

2. Paga o freguês, ou seja casado ou solteiro, em cada ano, cem reis de obradas pessoais.

3. Paga a Congregação de S. Bento, de renda ao Pároco, em cada ano, dez mil reis e dois alqueires de trigo e dois almudes de vinho. E será para as missas do dia de preceito.

4. Recebe o Pároco do Mórdomo da Igreja duas velas que ficam da Missa do Galo.

5. Em 26 de Dezembro se faz nesta igreja, a festa do Nome de Deus com seis padres, de esmola

de 200 reis. E tem mais o Pároco, da festa, 100 reis e uma vela e a oferta que naquele dia se ajunta na igreja e do Mórdomo, e pagam mais doze missas rezadas.

6. No primeiro domingo de Agosto se faz uma Missa Cantada em Santa Tecla com seis padres, a 200 reis e Doze missas rezadas a 100 reis, para o que paga cada casa vinte reis, que hoje cobre o prior do Subsino.

7. Por cada cabeceira (chefe de família), se paga ao pároco no presente uma fronha, um carneiro, um alqueire de trigo e meio almude de vinho e o Prior do Subsino quatro palmos de candeia.

8. E no ofício do mês se paga um alqueire de trigo e meio almude de vinho. E assim mesmo no ofício do ano. E se paga mais 200 reis de pescados (peixe) e a reza, e dão os herdeiros a cera e o vinho para as missas e três palmos de candeia em cada ofício.

9. E no dia da Obradação, uma espetada de carne e uma cesta com tijela, prato e colher dentro, com meia vara de pano e uma galinha viva.

10. E pelo defunto solteiro que tem herdado da parte do pai ou da mãe, se fazem três ofícios e se pagam a metade das benesses de uma cabeceira.

11. E pelo filho familiar que faleceu depois de ter sete anos de idade até aos 14 no varão e 12 na fêmea se dizem cinco missas rezadas ofertadas. E depois da idade dos doze se faz um ofício ofertado com um alqueire de trigo e meio almude de vinho e 300 reis de pescado.

12. E pelos meninos que morrem já baptizados se dizem duas missas rezadas, que paga a Confraria do Subsino, e pelas pessoas

que são Irmãos da Confraria se dirão quatro missas naquele ano que faleceram e em cada ano manda dizer esta Confraria 30 missas a Nossa Senhora pelo aumento dos irmãos.

13. Em 18 de Julho se vai fazer procissão a Santa Marinha e se diz missa, esmola de 150. E no primeiro domingo de Agosto a S. Pedro Félix (Belinho) do mesmo modo. E no dito mês de Agosto, procissão e reza e Missa a Nossa Senhora das Areias pelo que se dão 600 reis. E pelo rol que fez o pároco dos Irmãos paga o Prior desta Confraria cem reis. Em 25 do mesmo mês de Agosto procissão e Missa a S. Bartolomeu do Mar, esmola 150.

— A oferta dos baptizados é um vintém de pão e uma panelinha de barro.

— A oferta dos Casados dois vinténs de pão e uma galinha.

Isto assinaram 37 fregueses em 5 de Agosto de 1715.

José do Rego».

Da leitura deste elenco se pode concluir que se trata bem de uma folha-resumo de usos, que recolhe elementos que dizem respeito a entidades diversas.

Um primeiro grupo dos usos elencados, visa os direitos paroquiais e o que cada um devia contribuir para a sustentação do pároco. Este contributo podia estar relacionado com a Missa a celebrar pelo Pároco à segunda-feira e que se chamava capela, como com as obradas a rezar anualmente por cada defunto, ou então com certas solenidades que deviam ser

provavelmente as grandes festas da freguesia: a festa do Santo Nome de Deus a 26 de Dezembro e a festa de Santa Tecla a 1 de Agosto. Nestes dias cada uma das Missas devia ter a participação de seis padres.

A contribuição paroquial podia ainda revestir a forma de cônica, que cabia seja à Congregação de S. Bento que era o padroeiro da freguesia e que auferia os seus rendimentos, seja a cada chefe de família (Cabeceira). A primeira pagava por ano 10 mil reis, dois alqueires de trigo e dois almudes de vinho; os segundos deviam contribuir cada um com uma fronha, um carneiro, um alqueire de trigo e meio almude de vinho.

Um outro grupo de usos da mencionada lista interessa mais directamente o culto dos defuntos: os ofícios e as missas a rezar por cada um, número e qualidade que dependia da idade e situação civil de cada defunto, e as obradas.

Um terceiro grupo é formado pelos costumes referentes à Confraria do Subsino, que naquele tempo era uma espécie de confraria das almas, e seus irmãos. Dentro da esfera das devoções e obrigações desta freguesia estavam as procissões e clamores que se faziam fora da terra e cujo elenco e quesitos nos são apresentados no número 13.

Podemos distinguir uma quarta categoria de usos, aquela que se relaciona com os estipêndios ligados à celebração da Missa e dos sacramentos, nomeadamente o Baptismo e o Casamento.

A maior parte das contribuições fazia-se com os produtos do campo: pão (milho e trigo), vinho e animais domésticos (galinhas e carneiros ou então peixe (pescados); se se tratava de ofertas directamente destinadas à celebração da missa então temos a cera, as velas e o vinho.

P. DR. ADÉLIO

MOREIRA DAS NEVES E O NOSSO POETA CORRÊA D'OLIVEIRA

No passado dia 4 de Junho, o Presidente da Câmara de Lisboa fez entrega a Monsenhor Francisco Moreira das Neves da Medalha de Prata de Mérito Municipal. Nesta homenagem, a que estiveram presentes o Bispo de Madarsuma, D. António dos Reis Rodrigues, vários sacerdotes e muitos escritores, jornalistas e artistas plásticos, houve a intenção de exprimir o reconhecimento da cidade por uma obra de assistência que teve a iniciativa de criar e, desde o princípio até ao presente, vem acompanhando com generoso empenho e carinho. Trata-se da «Casa do Ardina».

É que Moreira das Neves é jornalista. Há pouco mais de um ano, os amigos e a Rádio Renascença, de que é não só colaborador como o historiador, celebraram-lhe o meio século de actividade profissional no diário NOVIDADES, o jornal católico que as perturbações de 1974 obrigaram a suspensão.

Vem a propósito lembrar, como então tivemos oportunidade de fazer, que a entrada do Padre Moreira das Neves para a redacção das NOVIDADES, em 1934, está relacionada com o nosso Poeta de São Paio d'Antas, tantas vezes identificado simplesmente como o «Poeta de Belinho», do nome da sua Quinta, neste lugar da freguesia.

Pode bem dizer-se que o trabalho baptismal do jornalista do quotidiano lisboeta foi realizado em Belinho.

Foi assim. No jornal editado pela União Gráfica estava Monsenhor Manuel de Oliveira, que tinha sido professor de Moreira das Neves no Seminário do Porto. De aí lhe conhecia as inclinações literárias e



Em Lisboa, na Casa de João Corrêa d'Oliveira, da Travessa do Combro à Estrela, 25 (que já não existe), o Poeta entre o irmão e Monsenhor Moreira das Neves.

também as realizações que delas já tinha feito prova.

Por sugestão sua, o Cônego Fernando Pais de Figueiredo, em carta de 4 de Fevereiro de 1934 oficialmente escrevia dizendo para «aceitar o lugar de redactor das *Novidades*». O correio do mesmo dia levava outra missiva, de Miguel de Oliveira, a título particular e amigo, incitando a que não rejeitasse o convite e afirmando mesmo que «não deve recusar a sua colaboração a uma empresa de tanta importância».

A primeira prova do novo redactor das *Novidades* fê-la no Norte, antes de sair de Mosteiró, onde então era pároco.

O dr. Carlos Eugénio Paço d'Arcos mantinha no jornal de Santa Marta uma página literária e artística que constituiu acontecimento cultural notável.

Carlos Eugénio adoecera, passou meses nas alturas tonificantes do clima seco da Guarda, mas viria a falecer em Julho de 1931.

As *Novidades* haviam procurado

manter esta apreciada tradição de interesse literário com a publicação de entrevistas ou depoimentos de Teixeira de Pascoais e de Afonso Lopes Vieira. Para lhe dar prosseguimento, havia que ouvir-se, a seguir, António Corrêa d'Oliveira. Moreira das Neves, já amigo do Poeta, a quem convidara para assistir à Missa Nova, é solicitado pelo antigo professor, Padre Miguel de Oliveira, para vir a Belinho. A entrevista foi publicada no jornal de 17 de Abril de 1932.

No sentido medieval da expres-

são, constituiu o «opus primum», a obra prima que assegurou a Moreira das Neves o título de «mestre» no ofício com que no ano seguinte, entraria na redacção lisboeta.

Destá entrevista proveio a parte substancial do ensaio biobibliográfico *António Corrêa d'Oliveira* (Subsídios para um estudo sobre o Poeta), publicado em 1934 com numerosas fotografias em extra-texto e delicadas vinhetas de Carlos Carneiro.

Anote-se, de passagem, que um lapso deste primeiro trabalho global sobre o Poeta de Belinho saiu um equívoco que transitou para todos os Dicionários de Literatura e Enciclopédias, e veio a determinar um desfasamento (de felizes resultados, afinal...) nas comemorações do centenário de Corrêa d'Oliveira: nasceu em S. Pedro do Sul em 1878, e não em 1979...

A última grande reportagem gráfica sobre Corrêa d'Oliveira, foi Moreira das Neves quem a fez, nas páginas centrais da revista *Flama*, de Novembro de 1947. É uma série de fotografias expressivas a que o jornalista, ele próprio, dá voz, comentando-as com belas quadras suas. Foi uma espécie de reportagem-filme que Moreira das Neves fizera no verão, em Belinho, como a primeira, de quinze anos atrás.

Conforme se vê, a comemoração dos cinquenta anos de jornalismo profissional de Moreira das Neves, e a recente homenagem da Câmara de Lisboa, conduzem a uma evocação da amizade deste jornalista, que também é poeta, com o nosso querido e saudoso «Poeta de Belinho», que veio de São Pedro do Sul para ser de São Paio d'Antas.

A CAUSA DO CENTRO PAROQUIAL É A CAUSA DA IGREJA E, POR ISSO, MERECE-NOS O MELHOR APOIO...

Vem da 1.ª pág. ———

Laurentino Viana do Vale, Azevedo	15.000\$00
Albino Alves de Faria, Guilheta	10.000\$00
Laurentino Faria Rolo, Azevedo	10.000\$00
Anónimo, Pereira	10.000\$00
Anónimo, Azevedo	10.000\$00
Raul de Jesus Almeida Machado, França	10.000\$00
Manuel Alves Caseiro, Belinho	10.000\$00
Cândido Alves da Cunha, Belinho	10.000\$00
Manuel Couto, Guilheta	10.000\$00
Benedito Neiva Meira da Cruz, Monte	10.000\$00
Manuel Afonso Pereira, Azevedo	10.000\$00
Domingos Igreja, Monte	10.000\$00
Manuel Mota, Belinho, França	10.000\$00
Torcato Gonçalves Pereira, Belinho, Antas	10.000\$00
Manuel Viana e Olinda, Monte	10.000\$00
Anónima, Belinho	10.000\$00
Manuel Gonçalves Pereira, Azevedo	7.500\$00
Ermelinda Vieira Torres Lima, Azevedo	7.000\$00
Manuel Martins da Silva, Pereira	7.000\$00
Manuel Laranjeira da Cruz, Igreja, França	7.000\$00
António Gomes Moreira, Estrada, França	5.200\$00
Manuel Caetano e Maria Alves Rolo, Azevedo	5.000\$00
Anónimo, Belinho	5.000\$00
Anónimo, Monte	7.000\$00
Luciano da Cruz Viana, Azevedo	5.000\$00
Anónimo, Estrada	5.000\$00
Clara Alves da Cruz Viana, Azevedo	5.000\$00
Gracinda da Costa e Silva, Estrada	5.000\$00
Alguém, Guilheta	5.000\$00
Manuel Augusto da Cruz, Azevedo	5.000\$00
Anónimo, Azevedo	5.000\$00
Albina Vicente Carneiro, Guilheta	5.000\$00
David Caramalho, Guilheta	5.000\$00
Benedito Lourenço Faria, Azevedo	5.000\$00
Anónimo, Guilheta	5.000\$00
Mário Azevedo da Cruz, Pereira	5.000\$00
José do Cruzeiro Júnior, Belinho	5.000\$00
Fernando Torres dos Santos, Guilheta	5.000\$00
Manuel Alves dos Santos, Guilheta	5.000\$00
Luciano Narciso Gomes, Azevedo	5.000\$00
Adelaide da Cruz Viana, Azevedo	5.000\$00
Manuel Augusto Gonçalves Portela, Guilheta	5.000\$00
Carlos Viana da Cruz, Pereira	5.000\$00
Manuel Gonçalves Pereira, Guilheta	5.000\$00
Anónimo, Guilheta	5.000\$00
Anselmo Laranjeira da Costa, Monte	5.000\$00
João Alves Meira, Belinho, França	5.000\$00
Manuel de Barros Alves Pereira, Belinho, França	5.000\$00
Domingos Cunha, Azevedo, França	5.000\$00
Augusto Viana, Sampaio e Augusto Sampaio, Azevedo	5.000\$00
Fernando Viana Sampaio e Amélia, Azevedo	5.000\$00
Manuel Augusto Meira Laranjeira, Belinho	5.000\$00
Manuel Ferreira da Silva, Belinho, França	4.000\$00
Anónimo, Monte	4.000\$00
Alguém, Estrada	3.000\$00
José da Cruz Ferreira, Belinho, França	3.850\$00
Fernando Joaquim Martins Ferreira, Pereira, França	3.540\$00
Joaquim de Sá, Guilheta	3.500\$00
Anónimo	3.000\$00
Alguém da Estrada	3.000\$00
Manuel Alves Laranjeira, Azevedo	3.000\$00
Clarinha Alves da Cruz Viana, Monte	3.000\$00
Joaquim Mário Rodrigues Miranda, Estrada, França	3.000\$00
José Pereira de Abreu, Belinho	3.000\$00
Manuel Alves Martins Cepa, Guilheta	3.000\$00
Fernando Queirós Gonçalves, Monte	3.000\$00
Miguel Neiva e Carolina, Lisboa	3.500\$00
Domingos Seara, Belinho, França	3.000\$00
Manuel Gonçalves Gomes, Belinho, França	3.000\$00
Amadeu Ferreira da Silva, Belinho, França	3.000\$00
Alexandre Pires Laranjeira, Estrada, França	3.000\$00
Fernando Torre, Estrada, França	3.000\$00
António Gonçalves da Costa, Estrada, França	3.000\$00
Querubim Enes, Belinho, França	2.500\$00
Adelaide Meira Laranjeira, França	2.500\$00
Anónimo, Guilheta	2.000\$00
Anónimo, Guilheta	2.000\$00
Arminda da Silva Gonçalves, Barcelos	2.000\$00
Laurinda Fernandes de Azevedo, Azevedo	2.000\$00
Anónimo, Azevedo	2.000\$00
Manuel Fernandes de Sá, Estrada	2.000\$00
Manuel Gonçalves Bedulho, Belinho	2.000\$00
Armando de Almeida Torres Neiva, Azevedo	2.000\$00
Carolina Alves Moreira, Guilheta	2.000\$00
Martinho Viana da Silva, Belinho	2.000\$00
Manuel da Torre Sá, Vila-Chã, França	2.000\$00
Alguém, Monte	2.000\$00
Alicé Alvarães Laranjeira, Belinho, França	2.000\$00
Manuel Barbosa Torres, Belinho, França	2.000\$00
Eugénio Meira Laranjeira, Belinho, França	2.000\$00
Sebastião Viana Alves, Pereira	2.000\$00
Michel e Lurdes Bertrand, Azevedo, França	2.000\$00
António Pires Torres, Estrada	2.000\$00
Alguém, Guilheta	2.000\$00
Lina e Lurdes Ribeiro dos Santos, Pereira	2.000\$00
Eugénia Ribeiro dos Santos, Pereira	2.000\$00
Fernando Viana Meira, Belinho	2.000\$00
Arminda Alves da Cruz, Igreja	2.000\$00
Ana Alves da Silva, França	2.000\$00
António de Sousa Teixeira, Monte, França	1.900\$00

Anónimo, Guilheta	1.000\$00
Manuel Meira Pires Laranjeira, Belinho, França	2.000\$00
Maria Rodrigues da Costa, Azevedo	1.100\$00
Maria Amélia Lourenço Faria, Monte	1.000\$00
António Viana da Silva, Belinho	1.000\$00
José Gonçalves Cardante, Guilheta	1.000\$00
Anónimo, Cima	1.000\$00
José Joaquim de Azevedo, Azevedo	1.000\$00
Manuel Martins de Abreu, Belinho	1.000\$00
Isabel Marinha Viana da Silva, Belinho	1.000\$00
Anónimo, Guilheta	1.000\$00
Prazeres Ribeiro do Vale	1.000\$00
Manuel Ferreira Alvarães, Belinho, França	1.000\$00
Rogério Alvarães Laranjeira, Belinho, França	1.000\$00
António do Vale, Estrada, França	1.000\$00
Laurinda Fernandes de Azevedo, Azevedo	1.000\$00
José Pires Alves Rolo, Pereira	1.000\$00
Francisco Lapeiro Gregório, Guilheta	1.000\$00
Fernando da Silva Abreu, Lisboa	1.000\$00
Augusto Alves da Cruz, Belinho	1.000\$00
Agostinho Laranjeira, Belinho, França	500\$00
Rosário Gonçalves da Costa, Estrada, França	200\$00
Manuel Miranda, Pereira	500\$00
Joaquim Dias Moreira, Monte	500\$00
Manuel Sampaio Rodrigues, Belinho	500\$00
Anónimo	500\$00
Anónimo, Guilheta	500\$00
Maria Alves da Cruz, Belinho	2.000\$00
Anónimo, Belinho	2.000\$00
Manuel de Sousa Caseiro, Guilheta	2.000\$00
Manuel Dias de Sá, Guilheta	5.000\$00
Manuel Lourenço de Faria, Viseu	5.000\$00
António Pereira Portela, Guilheta	10.000\$00
Manuel Chasco, Guilheta	10.000\$00
Alfredo e Carmo Fernandes, Guilheta	10.000\$00
José Frade, Guilheta	5.000\$00
Manuel Rodrigues Pereira, Guilheta	5.000\$00
Manuel Augusto Fagundes Dias, Guilheta	4.000\$00
Sérgio Portela, Guilheta	3.000\$00
Manuel da Cruz Caseiro, Guilheta	3.000\$00
Manuel Pereira, Portela, Guilheta	2.000\$00
Manuel Fernandes Lopes, Guilheta	2.000\$00
Manuel Costa, Guilheta	2.000\$00
Domingos Alves Rolo, Guilheta	2.000\$00
Dinis Rodrigues Lapeiro, Guilheta	2.000\$00
Manuel Chasco Novo, Guilheta	2.000\$00
Carlos Alberto Maia Laranjeira, Guilheta	2.000\$00
Sameiro Portela, Guilheta	1.000\$00
Arménio da Cruz Gonçalves, Guilheta	1.000\$00
José Brinca, Guilheta	1.000\$00
José Rodrigues, Guilheta	1.000\$00
Basílio Pereira Portela, Guilheta	1.000\$00
António Chasco, Guilheta	1.000\$00
Abel da Cruz Costa, Guilheta	1.000\$00
Arménio Carriço, Guilheta	1.000\$00
José Torre dos Santos, Guilheta	1.000\$00
Alberto, Guilheta	1.000\$00
Manuel Baeta Dias, Guilheta	1.000\$00
Carolina, Guilheta	1.500\$00
Rui Pires de Sá, Guilheta	1.000\$00
Mário Salgueiro, Guilheta	1.000\$00
Joaquim Lameiro, Guilheta	500\$00
José Chasco, Guilheta	3.000\$00

(Continua)

DA ARÁBIA SAUDITA

	RIAIS
Ramiro Pires Sampaio, Vila-Chã	50
Luís Parente, Sines, Algarve	20
Katchadouriam Henri, Marseille France	50
Manuel Mendes, Febrés Cantanhede	50
José Lopes Pinto, Nelas	50
Aníbal Eiras Novo, Marinhas	50
Fernando Patrão, Marinhas	50
José Adelino Soares, Matosinhos	20
Albino Marques, Lisboa	20
José Brito, Gilmonde	20
Peyres Gilbert, Heugas	30
Manuel António Marques da Silva, Rebordosa	20
José de Sousa Gomes, Rebordosa	30
David do Pilar Enes, S. Bartolomeu Mar	20
Carlos José Marques Torres, Góis	20
Rover Robert, GAAS Landes	50
Jorge António Oger, Esposende	30
José Dias, Marinhas	50
Marino Carneiro Patrão, Marinhas	30
Torcato Mota, Belinho	20
Fernando Cunha Ferreira, Marinhas	30
Manuel do Pilar Abreu	30
Laurentino Patrão Ferreira	50
Euclides Figueiredo	20
Anselmo Marques	20
José Oliveira Martins	20
José Augusto Oliveira Martins	20
Nascimento	20
Manuel Sá	30
Fernando Cardante	30
Manuel Lima Miranda	30
Albino Torres	30
Agostinho Ribeiro Valdaia	20
Manuel Torres	30
Paulo Torres, Marinhas	20

Da Arábia Saudita por intermédio de João Viana Sampaio, 60.000\$00. Bem hajam!

Busto do Poeta Correia de Oliveira

desaparecido do Museu Soares dos Reis

A Casa da Beira Alta prestou homenagem a Correia de Oliveira. Ao apresentar o orador convidado, Monsenhor Moreira das Neves, o presidente daquela colectividade, Dr. António Moniz, afirmou: «Os poetas do povo são saneados dos livros escolares e o próprio busto de António Correia de Oliveira foi, vergonhosamente, retirado do Museu Soares dos Reis, apesar de assinado por António Duarte». «A mediocridade dos políticos tenta calar a voz dos nossos verdadeiros poetas para impor os seus intelectuais que ninguém ouve nem entende...» («O Primeiro de Janeiro», 19-3-1985).

Uma das coisas que fizeram alguns indivíduos à sombra da revolução dos cravos foi a destruição de livros e o saneamento de autores. Naqueles primeiros tempos até Camões foi marginalizado. Dos livros que se mandaram queimar, um era uma biografia de Santo António, por exemplo.

Havia — e há, que dela recolhi os volumes que pude — a chamada «Colecção Educativa», editada pela Direcção-Geral do Ensino Primário. Era um conjunto de livros muito bem feitos, sobre assuntos de interesse, escritos numa linguagem acessível e vendidos a preços módicos. Só porque continham, numa das páginas, uma frase de Salazar, uns foram mandados queimar e outros, retirados da circulação.

Estou persuadido que se faria um belíssimo serviço ao povo se fossem postos de novo nas bibliotecas e no mercado — com ou sem a frase de Salazar, não importa — a preços que as mais modestas bolsas possam adquirir.

Assim como se sanearam livros também se sanearam autores, o que foi uma injustiça que deve ser reparada.

Ninguém pode dizer, por exemplo, que Correia de Oliveira não foi um grande poeta. Um poeta que os portugueses têm o direito de conhecer. Um poeta que cantou valores perenes como Deus, a Pátria, a Família. Um poeta cujo pensamento a generalidade das pessoas entende. Um poeta que se identificou com a alma do povo. Um poeta que é injusto votar ao ostracismo.

Há que defender a ideia de que a democracia também é o reconhecimento do mérito das pessoas, mesmo daquelas de quem, por qualquer motivo, discordamos.

Atraíção a democracia quem pretende impor os seus afastando os outros.

Que se dê o valor a quem o tem.

S. A.



Neto e Avó: — Se me não compras um gelado, chama-te avó no meio de toda a gente.

A Comunidade Paroquial foi a Lourdes em peregrinação

Vem da 1.ª pág. ---

Agradecemos a Deus a boa viagem que tivemos e, em seguida, dirigimo-nos para o hotel.

Recebidos todos, com simpatia e acolhimento.

Depois do almoço foi a visita ao Santuário.

Ficamos estupefactos! Que maravilha

arquitectónica e paisagística!

Dir-se-ia que Nossa Senhora escolheu o recanto mais lindo de França para nos transmitir a Sua mensagem.

Começamos a visita pela Basílica de S. Pio X (subterrânea) que tem capacidade para acolher 30 mil peregrinos. Foi consagrada em

25 de Março de 1958 pelo Cardeal Roncalli, depois João XXIII.

Dirigimo-nos para a gruta onde a Virgem Maria apareceu 18 vezes a Bernardette Soubirous, entre os dias 11 de Fevereiro e 16 de Julho de 1858.

Acessível aos peregrinos, aquela gruta de dia e de noite, é um lugar

de oração e recolhimento, muito venerado.

A imagem de Nossa Senhora representa a aparição na atitude em que Ela apareceu e se deu a conhecer a Bernardette.

No fundo da gruta e à esquerda do altar, encontra-se a fonte miraculosa que brotou a 25 de Fevereiro de 1858, durante a 9.ª aparição. «Vá beber à fonte e lavar-se nela», disse Nossa Senhora.

De seguida, orientamos a visita à Basílica do Rosário, construída 30 anos após as Aparições e consagrada em 1901.

Em forma de cruz grega, tem a capela-mor e o transepto rodeado de 15 capelas, consagradas aos 15 mistérios do Rosário.

Encaminhámo-nos a seguir para a cripta.

Ali o bispo de Tarbes, Mgr. Lau-

rence, celebrou a primeira Missa em 1866 em presença da vidente, Bernardette Soubirous.

Subimos algumas escadas e encontramos-nos na Basílica da Imaculada Conceição. Esta teria sido construída em resposta ao pedido de Nossa Senhora «que se construísse aqui uma capela».

A Eucaristia foi celebrada neste local às 18,30 desse dia.

A capela-mor está situada exactamente por cima da gruta de Massabielle.

Os vitrais retratam a história de Lourdes.

À noite, assistimos à procissão que diariamente se faz em Lourdes. Ficámos admirados da maneira e do respeito como se processam em Lourdes as procissões.

Regressamos ao hotel, ainda embebidos naquela espiritualidade, na fé e no amor à Virgem Santíssima.

LOURDES: Os milagres continuam

mente. Os médicos diagnosticaram cancro incurável no joelho direito. Seus pais, vendo que a ciência humana era impotente para curar a filha, resolveram ir a Lourdes pedir um milagre à Excelsa Mãe de Deus.

Com o auxílio pecuniário de amigos e reunindo grandes esforços, a modesta família Cirolli realizou a peregrinação ao Santuário. Lá chegando, a pequena Delizia foi banhada na fonte que, desde 1858, tem sido um manancial de graças tanto para os corpos como para as almas.

Entretanto, a moléstia progredia e a

saúde da criança piorava cada vez mais. Dois meses após a romaria, ela entrou em estado de coma. Os médicos deram-lhe poucos dias de vida.

Foi então que ocorreu o facto surpreendente: ouvindo ruídos no quarto da filha, a mãe de Delizia correu pressurosa. Ao abrir a porta, uma forte emoção assaltou-lhe o espírito.

— «Quero levantar mamãe», disse a menina, saindo bruscamente da cama. O tumor desaparecera. A criança estava milagrosamente curada!

O caso extraordinário ocorrido com Delizia Cirolli foi declarado «cientifi-

camente inexplicável» pela equipe médica de Lourdes. Como se sabe, a investigação dos factos excepcionais verificados na Gruta dos Pirineus comporta longa série de exames e está a cargo de centenas de especialistas. Para ser considerada miraculosa, é necessário que a cura seja instantânea, sem o concurso de medicamentos, e duradoura.

Em agradecimento à sua Celeste Benfeitora, a jovem Delizia Cirolli tornou-se freira. Consagrou sua vida para testemunhar as maravilhas d'Aquela que, aparecendo a uma simples camponesa, disse de Si mesma: «Eu sou a Imaculada Conceição!».

In «A ORDEM»

De novo em Portugal

Sempre em boa disposição e camaradagem chegámos a Portugal.

Alegres por nos sentirmos em terras nossas e tristes por nos separarmos do grupo que formou uma verdadeira família.

Só quem foi, como nós, só quem viu, como nós, só quem experimentar, como nós, esta alegria e este prazer de viajar, poderá dizer: «valeu a pena ir a Lourdes».

Mesmo em nossa era de cepticismo e crescente indiferença religiosa, o Santuário de Lourdes, na França, continua célebre pelas curas milagrosas que lá se operam. Atraindo anualmente milhões de peregrinos, a fonte de Massabielle tem sido um manancial contínuo de graças e benefícios para todos que nela se banham.

Após longos anos de exaustivas investigações, o Gabinete Médico de Lourdes, encarregado de comprovar a autenticidade dos milagres, registou mais um caso emocionante, noticiado pelo jornal norte-americano «Sunday Times» de 21-8-83.

Delizia Cirolli, natural de uma pequena aldeia da Sicília, contava apenas 11 anos quando adoeceu grave-

P. Apolinário justamente recordado

No passado dia 21 de Abril, foi descerrado o retrato em bronze, no túmulo do P. Apolinário. O evento decorreu numa cerimónia singela em que estiveram presentes alguns familiares e, foi ocasião para enaltecer, em gesto grato, a personalidade notável daquele sacerdote.



O P. Apolinário passou nesta terra, 8 anos, tempo suficiente para se afirmar um homem extraordinário de superior inteligência e coragem e de... grande coração! Como homem e como sacerdote, foi exemplar.

O Centro Paroquial e «Voz de Antas», como obras apostólicas suas, que conservamos e de que hoje,

nos servimos, mereceram-lhe sempre o maior carinho.

Por isso, 14 anos volvidos após a morte dos padres Apolinário e Laranjeira, ao dar nota numa singela homenagem, recordamos com grata veneração a memória de tão ilustres e santos sacerdotes.

No rescaldo das Festas... ou «Festejos»?!

Nestas breves linhas não tento fazer uma reflexão profunda e que toque todos os pontos das Festas Cristãs. Apenas uma ou outra achega.

O minhoto é festeiro. É verdade provada pelos factos. É alegre, gosta de se expandir, de «afogar» canseiras e desgostos. Mas o povo do Minho é também religioso; é festeiramente religioso. É difícil, às vezes, saber onde termina a verdadeira religiosidade e começa o festejo. É por isso que muitas festas inicialmente religiosas se tornaram demasiadamente (por que não dizer unicamente?) profanas e sociais, onde se nota, às vezes um bairrismo doentio, espírito competitivo com freguesias vizinhas ou comissões precedentes, conduzindo a elevados gastos desnecessários e até escandalosos para a situação de certa (afiltiva já para alguns) dificuldade económica de muitos. Estes investimentos elevados, às vezes supérfluos e evitáveis, nem sempre têm o seu verdadeiro fruto em prol daqueles que o fazem: acaba por ir parar às mãos de gente de fora não se vendo as vantagens para aqueles que tanto sacrifício fizeram para arrecadar uns cobres e não deixar que a festa «vá abaixo». É estranho, por outro lado, como «chovem» centenas de contos para se gastar em poucos dias e é tão difícil angariar, às vezes, umas dezenas de contos para construir infraestruturas necessárias, como salões, centros paroquiais, espaços ou material de catequese. Temos de nos mentalizar e voltar para o que é mais importante.

As Festas fazem parte da vida das pessoas. Tem os seus valores. É necessária alguma coisa que marque e dinamize a vida rotineira. Mas com a devida medida. E que as festas, por causa do seu número, não caiam elas na rotina e banalidade: fazer festa porque é costume.

As festas exigem, por isso, um esforço de renovação, que, sem contrariar legítimas tradições nem se opor a autênticos valores humanos e sociais, antes os aprofundando e tornando mais actuais na

sua autenticidade, as transforme e converta em verdadeiras expressões da caminhada humana e eclesial da comunidade celebrando a fé em Jesus Cristo ressuscitado.

Nesta perspectiva, eis algumas linhas fundamentais de pastoral:

— Transformar a festa em tempo privilegiado de Evangelização, através de cuidada preparação com novenas, tríduos e encontros.

— Valorizar e acentuar a celebração festiva com o centro na Eucaristia, e prolongando-se na procissão, que seja caminhada e não apenas ou predominantemente espectáculo.

— Imprimir a todo o ambiente — músicas e diversões — um clima de dignidade humana e acolhimento e respeito dos valores religiosos.

— Procurar que os membros das Comissões de festas sejam católicos praticantes e participem activamente na celebração festiva e não apenas nos actos exteriores e sociais.

— Envidar esforços para que as comissões se constituam em diálogo com a Comissão Fabriqueira e sejam representativas da comunidade cristã e não apenas de grupos, sendo factor de unidade e não agentes de divisão e tensões, onde a expressão festiva comunitária deixaria de ter sentido.

— Os investimentos nas festas religiosas se definam em razão da alegria da comunidade cristã, tendo em conta as necessidades humanas e exigências pastorais fundamentais, como sejam as estruturas essenciais para a sua vida e crescimento.

— Promover um processo de informação e transparência com a apresentação de contas, na consciência de que as ofertas para a festa têm um sentido religioso e eclesial, que não admite desvios.

— Criar e organizar manifestações culturais e desportivas abertas às várias idades, promovendo a sua participação através de exposições, concursos, provas desportivas, festivais de canção com mensagem, etc.

A festa religiosa deve ser cada vez mais uma expressão autêntica da fé e vida da comunidade reunida em Jesus Cristo, aberta e comprometida em experiência solidária e eclesial com todos os seus membros e com toda a Igreja, diocesana e universal.

J. V.

CORAÇÃO

A Fundação Portuguesa de Cardiologia insiste na necessidade de se prevenirem as doenças do coração, que fazem vítimas em números aterradores.

Como conselhos práticos, eis os do Prof. Ramos Lopes, catedrático de Medicina em Coimbra e Presidente do Conselho Científico da Fundação de Cardiologia:

1 — Coma moderadamente, mas evitando o sal, as gorduras animais e os açúcares refinados.

2 — Vigie a tensão arterial e o peso; a gordura «afoga», a tensão precisa de se manter entre balizas.

3 — Pratique exercício físico: dê longos passeios a pé, rompa solas, suba escadas, procure ar puro, mantenha-se em forma.

4 — Descontraia-se psicologicamente: não ande numa roda-viva de emoções e cuidados. Seja optimista.

5 — Não fume, e impeça que fumem no seu ambiente.

6 — Não abuse do álcool: embora podendo beber moderadamente, pare antes do risco amarelo!...

Homenagem ao lavrador

Manhã cedo, já lá vai pela estrada O lavrador; vai fazer a sementeira: Enxada ao ombro e calça arregaçada, Mas ainda chelo de fadiga e canseira.

Trabalha o dia inteiro sem parar Desde manhã até ao anoitecer, Para ver se a todos pode dar Os alimentos indispensáveis pra viver.

Trabalha à chuva ao sol ou ao vento, P'ra poder ter o pão de cada dia. O lavrador chelo de fadiga e sofrimento Vive sempre uma vida de alegria.

Com estas intenções assim trabalha Até ao fim do dia que anoitece, Mas no fim desse dia que se esvala Levanta os olhos ao céu, fazendo sua prece.

Meu Deus, eu vos dou graças porque tudo nos criais Meu Deus, eu vos dou graças por me fazeres cristão Meu Deus, eu vos dou graças porque nos dais Em cada dia o vinho e o pão.

Agora morto de fadiga e sofrimento Cai na vasta paisagem que o rodeia, Frio e noite; vão dar-lhe paz e alento A mulher, os filhos e a magra ceia.

Agora toda a família reunidos Na comunhão dessa hora benfazeja, Louvado seja Deus! Murmura um dos filhos Ao que todos respondem: (Louvado seja).

pague
hoje
a sua
assinatura